

AÇÕES DE ACESSIBILIDADE- DEFICIÊNCIA VISUAL CAE/SAAD/UFSC



Fonte: [http://imagens.us/datas/dia-da-bengala-branca/index.php?imagem=dia-da-bengala-branca%20\(4\).jpg](http://imagens.us/datas/dia-da-bengala-branca/index.php?imagem=dia-da-bengala-branca%20(4).jpg)

Descrição da imagem: Imagem de uma pessoa, da cintura para baixo, com close para sua bengala branca

A visão é um sentido muito importante, já que tem relação com nossas aquisições e deslocamentos. Muito daquilo que aprendemos se dá por meio da visão. Na ausência, ou diminuição substancial da visão, o canal auditivo será o caminho prioritariamente escolhido para permitir o acesso ao conhecimento. Embora muitas vezes não nos demos conta, na Universidade nossas aulas e eventos estão prioritariamente pautados em palavras: sejam nas aulas expositivas, sejam nos textos de apoio que as acompanham.

Ainda que as aulas sejam prioritariamente faladas e discutidas, sabemos que há também materiais visuais, como imagens e vídeos. Devemos então tirar esses recursos das aulas? Definitivamente, não. É preciso ter em mente que a aula não precisa ser completamente alterada. Basta que sejam feitas algumas adaptações.

É importante que os vídeos sejam em português (a não ser que se trate de uma aula de língua estrangeira, na qual a legenda está indisponível para todos) e que as imagens sejam descritas. Isso porque, um filme não é compreendido apenas pelas falas, logo, para que o estudante cego acesse as mesmas informações que seus colegas que enxergam, é importante que essa descrição seja feita.

Existe um profissional específico, chamado audiodescritor, que conhece as técnicas e procedimentos para transformar imagens em palavras- e é inclusive assessorado por uma pessoa com deficiência visual nessa tarefa, no entanto, infelizmente, não existe esse profissional disponível para todas as aulas.

Porém, esse cuidado em descrever aquilo que está no slide, de evitar termos e palavras que só quem enxerga pode compreender, como, por exemplo: “essa tabela aqui”, “aquele cálculo ali”, além de termos como “você”, “ela”. Lembre-se, quem enxerga pode perceber que a fala está sendo direcionada para si, pelo olhar do

interlocutor, no caso da pessoa cega, ela precisa que seu nome seja dito. Mas ela não precisa ser mencionada o tempo todo. E também não é necessário checar a todo tempo se ela compreendeu. Aja com naturalidade, como você faz com os demais alunos. Claro, que se precisar de um feedback sobre suas descrições, é importante que se reporte à pessoa com deficiência visual, - ela é a melhor pessoa para indicar aquilo de que precisa-, mas isso pode ser realizado em momentos pontuais, ao final da aula, por exemplo- não o tempo todo.

Além disso, a pessoa com deficiência visual precisa que as anotações da lousa sejam especificadas por meio da fala. Esses procedimentos não deixam de ajudar a todos, uma vez que o incremento da explicação oral e esse detalhamento daquilo que é apreensível pela visão auxilia todos os alunos.

É importante destacar, sobretudo, que a deficiência visual é sentida na medida em que os ambientes não estão preparados e as ações não são direcionadas para quem não conta com a experiência visual propriamente dita e precisa, portanto, de recursos auditivos e táteis para acessar as informações.

Ok, em relação às aulas, mas e os textos, como eu faço? Como a pessoa cega faz uma prova? Textos normalmente são acessados pela visão. É preciso lembrar inclusive que nem toda pessoa com deficiência visual é cega. Há pessoas que têm resíduo visual, elas têm baixa visão. No caso das pessoas com baixa visão, elas podem utilizar recursos ópticos, ou mesmo necessitar de uma fonte aumentada, portanto, ela pode utilizar materiais impressos em tinta, ainda que tenha deficiência visual. Mas e quem não enxerga nada? É só Braille que ela usa? Terei que corrigir uma prova em Braille? Eu não sei nada sobre isso!

É preciso esclarecer, antes de qualquer coisa, que nem toda pessoa cega utiliza Braille. Pessoas que adquiriram a cegueira, por exemplo, nem sempre se adaptam ao método Braille. Além disso, com o advento de tecnologias, como os softwares que transformam as palavras que estão na tela do computador em sons, o Braille tem sido cada vez menos usado, especialmente pelas pessoas jovens. Portanto, a pessoa cega tem outras formas de realizar uma prova, sem ser necessariamente por meio do Braille, alias, considerando que esse sistema normalmente não é dominado pelos professores, outros recursos são mais eficazes para facilitar a correção.

SOFTWARE LEITOR DE TELA - programa instalado no computador (e também em tablets e celulares) e por meio do qual as palavras impressas são convertidas em sinal de fala.

BRILLE- O sistema de leitura para cegos, conhecido como Braille, surgiu a partir de um sistema de leitura no escuro desenvolvido por Charles Barbier, para uso militar. Quando o francês Louis Braille, que era cego, conheceu o sistema, passou a utilizá-lo e logo depois o modificou, passando de um grupo de 12 pontos para um grupo de apenas 6 pontos, formado por duas colunas com três pontos cada. O agrupamento de seis pontos possibilita a constituição de 63 símbolos diferentes que servem para representar caracteres na literatura, na matemática, na informática e na música. O sistema foi inventado em 1825 e até hoje é utilizado em todo o mundo. O Braille diz respeito a uma combinação de pontos (um total de 6) em alto relevo- as letras são as

digitalização em formato acessível, bem como a verificação da disponibilidade das Referências em formato digital.

O AAI/BU também realiza empréstimo ao aluno de tecnologias assistivas (*tablet, notebook, etc.*) pelo período de um semestre (renovável) e inclusive, **em situações de avaliação, o setor pode disponibilizar ao Professor um notebook em que não haja qualquer arquivo, para que a resolução da prova se realize com a maior transparência possível.** O aluno com deficiência visual normalmente escreve em teclado convencional, cuja localização dos caracteres já foi memorizada, e checa aquilo que ouviu por meio do software leitor. Portanto, o uso do computador e do fone de ouvido, para que o estudante ouça o texto e cheque o que escreve, são recursos imprescindíveis ao desempenho acadêmico do estudante – inclusive para que ele realize trabalhos e provas com autonomia. A gravação das aulas, desde que com o consentimento do professor, também é um recurso que auxilia muito o estudante no acesso ao material.

AAI

A Biblioteca Central dispõe de um Setor de Acessibilidade Informacional (AAI). Embora esse seja um espaço cuja missão é tornar os materiais acessíveis, ou seja, embora o público alvo sejam as pessoas com deficiência, entendemos que ele deva se localizar no mesmo ambiente no qual todos os estudantes buscam informações e materiais, ou seja, na BU.

Os materiais são adaptados por esse setor. Assim sendo, os estudantes que utilizam software leitor de tela (programa que transforma as palavras grafadas em sinal de voz, em programas e sites) e que precisam de digitalização de textos, ou mesmo da ampliação da fonte, são assistidos pelo AAI.

Os docentes das disciplinas encaminham seus planos de ensino, bem como textos e livros que não se encontram em formato acessível, para que o AAI faça as devidas adaptações.

Todos os equipamentos atrelados à acessibilidade (notebooks, sistema FM, linha braille, lupas eletrônicas, dentre outros) são disponibilizados aos estudantes com deficiência, em caráter de empréstimo, durante o período em que eles permanecerem em formação na UFSC.

Em linhas gerais, o AAI presta os seguintes serviços: - Orientação aos usuários no uso adequado das fontes de informação e recursos tecnológicos; - Manutenção e organização do Acervo Braille, digital acessível e falado; - Leituras e digitalização de material didático; - Empréstimo de materiais tais como: lupas, cds, dvds, notebooks, etc.; - Disponibiliza computadores, com softwares específicos para os usuários; - Espaços de estudo; - Impressão (braille, texto em fonte maior para baixa visão, etc.) e cópias ampliadas. Para acesso a estes serviços foram instalados, além dos scanners os seguintes softwares: - DosVox, NVDA, Jaws, Virtual Vision, Magic, Dspeech.

O AAI, além dos serviços oferecidos, realiza, sistematicamente, o Café com Tato cujo objetivo é o de promover um momento de troca de experiências e convívio social entre as pessoas envolvidas com a Acessibilidade. Tal evento tem o sentido de: - facilitar a interação social do aluno com deficiência; - conhecer mais de perto o usuário; - trocar conhecimentos na área; - realizar práticas culturais e sociais; - aprimorar os serviços ofertados pelo AAI, mediante contato e troca de experiências com os envolvidos.

Email- AAI- aai.bu@contato.ufsc.br

O site do setor é o <<http://portal.bu.ufsc.br/servicos/aai-acessibilidade/>>

Além disso, normalmente o estudante com deficiência visual faz uso da bengala. Mesmo tendo realizado as aulas de Orientação e Mobilidade na UFSC¹ – serviço prestado pela Associação Catarinense para Integração do Cego² (ACIC), em virtude de as dependências da UFSC sempre sofrerem mudanças (pequenas reformas e obstáculos transitórios), são disponibilizados estagiários em acessibilidade para acompanhar o deslocamento do estudante entre ponto de ônibus e sala de aula e vice-versa. Esses estagiários também acompanham o estudante durante a aula e realizam a transcrição dela, uma vez que o estudante pode apresentar dificuldades para se concentrar nas explicações do docente e usar simultaneamente o *software* leitor. Além disso, os estagiários realizam a descrição de figuras e imagens que eventualmente constam em textos ou que não puderam ser descritos durante as aulas. Estamos cientes do esforço que os professores já vêm fazendo para descrever as imagens, no entanto, temos consciência da dinâmica da sala de aula, dos vários afazeres dos docentes, portanto, o estagiário serve como um apoio, nas transcrições, nos deslocamentos e, também, nas descrições das imagens e possíveis dúvidas de cunho visual.

Vamos conhecer, abaixo, algumas dicas importantes sobre a acessibilidade às pessoas com deficiência visual- não apenas em relação às aulas, mas ao convívio geral:

ACESSIBILIDADE À PESSOA COM BAIXA VISÃO

- Na baixa visão há diferentes níveis de resíduo visual e utilizações dessa visão residual. Isso significa que a porcentagem de visão não significa muita coisa.

- É importante esclarecer que a pessoa que apresenta melhora expressiva da visão com o uso de óculos, ainda que não atinja 100%, não é baixa visão. Não se está desconsiderando as dificuldades para enxergar (ocorridas nos casos de miopia,

¹ orientação é o processo de utilizar os sentidos remanescentes para estabelecer a própria posição e o relacionamento com outros objetos significativos no meio ambiente e mobilidade é a habilidade de locomover-se com segurança, eficiência e conforto no meio ambiente, através da utilização dos sentidos remanescentes. (WEISHALN, 1990). Há profissionais que mediam esse treinamento e utilização dos sentidos remanescentes e pontos de referência do ambiente para auxiliar o deslocamento da pessoa com deficiência visual, com autonomia.

² A ACIC - Associação Catarinense para Integração do Cego desenvolve atividades voltadas à habilitação, reabilitação integral, educação, profissionalização e convivência, junto às pessoas cegas ou com baixa visão, promovendo sua cidadania. A ACIC está localizada na Rodovia Virgílio Várzea, 1300, Bairro Saco Grande – Florianópolis. Telefone: (48) 3261-4500.

astigmatismo, dentre outros), mas, desde que se tenha uma visão razoável, normalmente superior a 30/40%, com a melhor correção- óculos, lente, lupas e quaisquer recursos ópticos disponíveis com o maior poder de ampliação-, não se trata de pessoa com deficiência visual. Ainda que hoje as referências numéricas e objetivas não sejam mais usadas³ para definir se uma pessoa tem deficiência visual, a dificuldade em enxergar, ainda que com recursos, tem que ter um impacto significativo na vida da pessoa.

- Portanto, pergunte à pessoa o que ela consegue enxergar e, inclusive, qual o tamanho e tipo de fonte que usa, nas impressões, para facilitar o estudo e a comunicação.

- Mesmo com resíduo, a pessoa com baixa visão pode não perceber detalhes, não reconhecer os rostos, inclusive dependendo do tipo de luminosidade do local.

- Desse modo, pode ser preciso fazer descrições (de pessoas, objetos, ambientes, sempre que solicitado), auxiliar na locomoção e mesmo se identificar verbalmente, para que a pessoa com baixa visão reconheça seus pares.

- Não hesite em perguntar qual é o uso que a pessoa com baixa visão faz dos seus resíduos e o tipo de apoio que ela pode necessitar. A pessoa com baixa visão pode ter independência nos deslocamentos, porém pode não conseguir ler um texto com fonte 12. Pode ocorrer também uma piora significativa da visão no período noturno. É importante saber quais são as especificidades do estudante com baixa visão para que possam ser feitas as adaptações necessárias.

ACESSIBILIDADE À PESSOA CEGA

- o contato da pessoa cega com o mundo se dá por meio das palavras. Evite vocábulos como: aqui, ali, esse, aquele. Use palavras concretas, descreva o ambiente, e não há problemas em usar os verbos ver, assistir. As próprias pessoas cegas usam essas palavras;

³ - deficiência visual: cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60º; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores (**DECRETO Nº 5.296, DE 2 DE DEZEMBRO DE 2004**).

- Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (**Lei 13146, de 06 de julho de 2015**).

- Não puxe o cego pelo braço para ajudá-lo a se deslocar. Aproxime-se, se apresente, ofereça ajuda e não insista caso ele não aceite. A pessoa pode simplesmente não necessitar de auxílio naquele momento.
- Não é necessário colocar a mão da pessoa cega para tocar toda e qualquer coisa. Além de não ser sempre necessário, pode ser invasivo. Antes de fazê-lo, pergunte se a pessoa quer tocar algo, descreva o que é, e, caso a pessoa consinta, aí sim você poderá mediar a exploração tátil. Lembre-se que a mão do cego não é de domínio público. E, lembre-se, o tato não consegue detectar tudo, em alguns momentos a descrição é mais efetiva.
- Para guiar a pessoa cega, toque o seu braço no braço dela, e ela irá segurar em você (no braço, no ombro ou no cotovelo). Caminhe normalmente. A pessoa cega é quem dará o ritmo da caminhada.
- Caso ela queira/necessite se acomodar em uma cadeira, não precisa segurar em sua cintura ou abraçá-la. Basta colocar a mão dela no encosto ou assento da cadeira que ela sentará com autonomia, porém, não se esqueça de informar caso a cadeira tenha rodinhas, por exemplo, no sentido de evitar acidentes.
- Não segure a bengala (é bengala- não é varinha) da pessoa cega, a não ser que ela peça para que você o faça. Ainda que a bengala auxilie muito no deslocamento do cego, se você o estiver guiando, é conveniente avisar previamente sobre obstáculos, presença de desníveis e degraus, no sentido de que a pessoa cega faça um percurso mais seguro.
- Quando você já convive com uma pessoa cega, não é preciso se apresentar todos os dias, por exemplo: “Bom dia, é a Joana quem está falando”. Ao falar bom dia, a pessoa cega já reconhecerá a sua voz.
- Em um grupo grande, durante uma aula, por exemplo, é preciso iniciar a fala dirigida à pessoa cega pelo nome dela (Mariana, qual sua opinião sobre os argumentos que o autor trouxe?). Lembre-se, o vidente (esse é o nome dado à pessoa que enxerga) sabe que a pergunta está sendo direcionada a ele pelo olhar de quem fala. A pessoa cega não terá essa possibilidade de interação, ela precisa ser avisada verbalmente que a pergunta é para ela.
- Pelo fato de a pessoa não enxergar, é preciso avisá-la sobre suas chegadas e saídas. Por exemplo, se você deixar a sala ou o balcão de atendimento sem dizer nada, o cego pode não perceber que você saiu e ficará falando sozinho.
- É importante apresentar os espaços do local (sala, auditório) à pessoa cega. Descrever, dar pontos de referência, fazer visitas guiadas (descrever como é o banheiro, onde estão as papeleiras, as lixeiras, por exemplo, o local onde a pessoa irá fazer estágio). Com isso, a pessoa cega terá mais autonomia para ir ao banheiro e

fazer demais deslocamentos necessários. Porém, caso ninguém do curso/instituição se sinta preparado para dar essas coordenadas, pode ser contratado um professor de orientação e mobilidade que dará o suporte necessário à pessoa cega.

- Fique atento para mudanças na sala de aula e demais locais frequentados pelo estudante cego. A pessoa cega faz um mapa mental do ambiente e sua bengala não consegue captar todos os obstáculos. Tome cuidado com portas de armários abertas (especialmente se forem altas), cadeiras e demais obstáculos fora do lugar usual. Avise sempre a pessoa cega sobre as mudanças no ambiente.

- A pessoa cega geralmente tem audição normal. A tendência das pessoas é falar mais “alto” (intenso) com a pessoa com deficiência visual. Ela não está te vendo, mas te escuta normalmente, ou seja, não é preciso elevar o volume da voz.

- Algumas pessoas cegas utilizam o **cão guia**.

O cão guia é um cachorro treinado, em centros especializados, para guiar a pessoa cega. Geralmente os cães que melhor se adaptam a essa função são das raças Labrador e Golden Retriever. Mas é importante ressaltar que o animal desvia de obstáculos, porém, ele segue os comandos do dono. É preciso, portanto, que a pessoa cega conheça o caminho e saiba as direções e sentidos referentes ao local para onde quer ir. Por isso é que uma pessoa cega, mesmo com o cão guia, poderá pedir sua ajuda para locomoção. Além disso, o cão-guia está trabalhando, assim sendo, deve-se evitar acariciar o animal ou chamar a atenção dele- pois isso atrapalha a concentração do cachorro. Não se esqueça: qualquer atitude sua em relação ao cão-guia deverá ter o consentimento do dono.



Fonte: <http://www.plox.com.br/caderno/node?page=1138>

Descrição da imagem: Fotografia colorida de uma moça caminhando em uma calçada, com seu cão guia (labrador preto). Há construções e prédios ao fundo.

IMPORTANTE!!!! Nem toda pessoa cega terá os outros sentidos mais desenvolvidos ou apurados. Inclusive, como já comentado, nem todo cego usará o sistema braile para a leitura. Existe um mito de que a pessoa cega terá uma audição e/ou tato mais apurados que uma pessoa sem deficiência. Isso pode ocorrer, mas não é regra.

LER COM OUTROS OLHOS

Além da possibilidade de ler um texto em Braille ou por meio do software leitor de tela, uma pessoa que enxerga pode ser a ponte entre a pessoa cega e texto. Inclusive, a pessoa com deficiência visual, em relação aos sentimentos e à melodia que a voz humana transmite, pode preferir essa forma de leitura. Abaixo, algumas orientações sobre o papel do leitor:

O “ser” leitor

Leitor pode ser definido como aquele que lê. O leitor, por outro lado, é a pessoa que lê para alguém, que faz a leitura no lugar de outrem. Uma das justificativas do trabalho do leitor assenta-se no fato de que algumas pessoas- no nosso universo específico, alunos- não têm condições de realizar a leitura de forma independente, o que os deixa apartados das informações fornecidas pelo texto escrito, caso não haja algum recurso de acesso. Desse modo, o leitor tem uma atuação inegavelmente ligada à acessibilidade, e, na maioria dos casos, a voz do leitor passa a ser a principal fonte de informação que o aluno assistido recebe, especialmente porque a leitura ainda é uma das estratégias mais utilizadas no meio acadêmico.

Diante da importância da atuação do leitor, há alguns pontos que precisam ser considerados. A leitura fluente envolve algumas questões que dizem respeito à entonação, à velocidade, à articulação e à voz. Primeiramente, é preciso entender o que é ser fluente. A pessoa fluente fala de forma fluida, sem dificuldades ou tropeços. No que diz respeito à leitura, essa é fluente quando as palavras são lidas de forma global e há “respeito” à pontuação. No entanto, a leitura costuma se tornar menos fluida e, portanto, com mais hesitação e revisões quando o assunto e as palavras do texto não são conhecidos. Ou mesmo quando um texto é lido pela primeira vez.

Para entendermos um pouco mais acerca dos possíveis impasses no momento da leitura, cabe dizer que palavras de alta frequência são “memorizadas” e lidas de forma global, já que fomos expostos a elas inúmeras vezes (leitura lexical). Entretanto, quando nos deparamos com um texto com muitas palavras desconhecidas, deciframos letra a letra, silabamos, já que não temos a memória visual daquela sequência de letras (leitura fonológica).

Portanto, antes de pensarmos em como será o resultado final da nossa leitura, devemos atentar para as palavras impressas no papel. Uma leitura rápida e prévia facilita o trabalho do leitor, já que tal estratégia diminui consideravelmente as chances de hesitação e maximiza a tarefa, uma vez que palavras, e, muitas vezes frases inteiras, não precisarão ser repetidas (e é preciso informar essa estratégia ao aluno assistido para que ele entenda que uma relativa demora no início da tarefa, irá, na verdade, antecipar seu término). A própria visualização do sinal que encerra a frase muito auxilia o leitor, haja vista que esse irá modular sua leitura- ascendente para perguntas, descendente para afirmações, com extensão silábica na exclamação- de acordo com o sentido da frase.

Além disso, é preciso atentar para outras facetas da leitura: a própria voz. A intensidade (volume) não pode ser muito fraco, o que comprometeria a compreensão. No entanto, não deve ser excessivamente elevado, haja vista que o cego, por exemplo, embora muitos o façam sem sentir, não necessita de intensidades vocais alucinantes para ouvir o que lhe é dito. Ele não tem deficiência auditiva.

No entanto, além da intensidade, a velocidade que é impressa na leitura faz toda a diferença. Velocidades aumentadas denotam ansiedade do leitor, pressa em acabar a tarefa e comprometem a compreensão. A velocidade excessivamente lenta também não é preferida. Embora muitos a associem com calma e autocontrole, ela é monótona e pode propiciar a dispersão de quem ouve. Não há uma fórmula para a velocidade; deve-se encontrar um meio-termo. Mas é o estudante quem irá definir o ritmo que mais lhe convém e que atende suas necessidades.

A articulação das palavras também é um ponto crucial. Ainda que seu interlocutor não tenha qualquer comprometimento auditivo, uma articulação aberta, clara, com produção precisa de todos os fonemas facilita a compreensão e não causa “ruídos” durante a leitura.

Além disso, qualquer alteração na produção dos sons, qualquer presença de distorções na fala trazem um foco muito maior para a forma, em detrimento do conteúdo. Ou seja, a pessoa pode prestar mais atenção no “chiado” da fala, na alteração vocal da pessoa que lê, do que no assunto que de fato está sendo lido.

A voz (a qualidade vocal em si) também deve ser a mais adequada possível para que a mensagem chegue de forma clara e que não existam distratores durante a leitura.

Para que a voz seja clara, que o leitor não entre em ar residual, o que culminaria em traços de cansaço vocal, é necessário que se realizem respirações constantes (nunca no meio de uma palavra) e que seja feita a ingestão abundante de água (de preferência em temperatura ambiente). A voz é produzida com o ar dos pulmões, logo, respirar é preciso. A desidratação faz com as pregas vocais não

funcionem em harmonia (gerando rouquidão e tosses), portanto, tomar água também é preciso. Convém ressaltar ainda que não se deve pigarrear durante a leitura. A ilusória melhora que ela causa na voz, além de aparente, pode causar lesões sérias na laringe.

Lembre-se que o aluno não está ouvindo algo que tenha o intuito de mera distração. Os conteúdos lidos alicerçam a formação do acadêmico e serão cobrados em avaliação. Portanto, é importante que se cheque sempre se o ritmo está bom, se é preciso repetir. É importante, ainda, fornecer tempo para que o aluno faça as anotações que julgar convenientes. É essencial, também, que, se possível, o leitor tenha contato prévio com o material que será lido (isso é possível em leituras de estudo, nem sempre será a realidade de provas e vestibulares).

Quando em avaliações, o leitor deve ser o mais neutro possível. Leitor não interpreta o que é lido. Em provas, é expressamente proibido que o faça. Por mais que pareça “tentador”, a entonação ou a intensidade da fala não devem ser modificadas em trechos-chave que o leitor julgar importantes ou em alternativas que quem lê entenda como corretas. Além de ser uma postura inadequada, a aparente ajuda pode prejudicar o aluno, uma vez que a “dica” do leitor pode inclusive confundir o acadêmico ou induzi-lo ao erro.

TRANSFORMANDO IMAGENS EM PALAVRAS

A descrição é um recurso de acessibilidade que traduz imagens em palavras, permitindo a compreensão de imagens pelas pessoas com deficiência visual.

É importante categorizar a imagem: é um power point, é uma fotografia, é uma gravura, entre outros. É preciso dar uma noção do todo- é um parque, é um auditório, é uma rua movimentada. E depois ir acrescentando os detalhes.

Também a descrição tem uma carga cultural. Inicialmente, a audiodescrição brasileira, influenciada pelos trabalhos de outros países, era muito objetiva, não manifestando juízo de valor. Por exemplo, se dizia: mulher com testa franzida. E não mulher com expressão assustada, ou algo do gênero.

A audiodescrição brasileira, no entanto, ao longo dos últimos anos, tem construído sua identidade e não é algo proibido interpretar algumas feições, como: animado, surpreso. Não há a necessidade de começar a descrição da esquerda para a direita, por exemplo, no entanto, faz-se necessária alguma organização. Vale a pena mencionar aquilo que está em destaque (primeiro plano) ou mais ao fundo. No caso de avaliações é preciso tomar cuidado e ler o enunciado anteriormente, uma vez que a descrição pode trazer a resposta direta à questão. No entanto, não é preciso suprimir

as informações que estão dispostas. Se um mapa traz os nomes dos estados, se uma tirinha traz o nome do autor, não devo jamais privar a pessoa com deficiência visual dessas informações.

Organização da descrição:

- 1- Inicie com indicações que deem uma noção do todo (o que é) e depois caracterizar os elementos particulares desse objeto (como), da forma como ele se apresenta na imagem.
- 2- Procure fornecer na descrição informações importantes como: “onde”, “quando”, “quem”, “o que” e “como”.
- 3- Descreva as cores, pois elas fazem parte da composição da imagem. Mesmo as pessoas que nunca enxergaram têm as próprias referências em relação às cores.

(Baseado no Material orientador para realização de descrição de imagem realizado pelo Ambiente de Acessibilidade Informacional-AAI/BU)

Alguns exemplos de descrição de imagens:

Tirinha: mencionar quantos quadros, personagens, tempo, cenário e depois descrever.

Descrição: a tirinha colorida, com 4 quadros, mostra Mafalda, uma menina de aproximadamente 7 anos, com blusa vermelha de gola branca, laço vermelho no cabelo preto com franja, lendo um livro, que está sobre uma mesa redonda. Suas falas estão dentro de balões (5).

Q1 – Mafalda debruçada sobre o livro, com a mão segurando o rosto, lê: *Ema vê a mesa da sala de estar.*

Q2 – Mafalda vira-se para o lado e pergunta: *Mamãe, o que é sala de estar?*

Q3 – Sentada à mesa, com as mãos sobre o livro, ela escuta a resposta: *É living.* Ela responde: *Ah, bom!*

Q4 – Mafalda, com a testa franzida e debruçada sobre o livro e a mão segurando o rosto, reclama: *Afinal, por que eles não escrevem esses livros na língua da gente.*



Fonte: <http://clubedamafalda.blogspot.com/>

Tabela: mencionar número de linhas e colunas no início, em seguida e cabeçalho e dizer se está na horizontal ou vertical.

Invenção	Inventor	Ano	Local
Sistema Braille	Louis Braille	1824	França
Bicicleta	Kirkpatrick Macmillan	1839	Inglaterra
Telefone	Alexander Graham Bell	1846	Escócia
Sabonete	Harley Procter	1878	Estados Unidos

Invenção: **Sistema Braille**. Inventor: Louis Braille. Ano: 1824. Local: França

Invenção: **Bicicleta**. Inventor: Kirkpatrick Macmillan. Ano: 1839. Local: Inglaterra (dentre outros)

Mapa: falar como acontece a divisão, inclusive se está por cores



Fonte: <http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://3.bp.blogspot>

Descrição: A imagem mostra o mapa do Brasil dividido por cores e regiões: A Região Norte está marcada com a cor verde, representando os estados: Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Roraima, Amapá e Tocantins. A Região Nordeste está marcada com a cor azul, representando os estados: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. A Região Centro-Oeste está marcada com a cor roxa, representando os estados: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal. A Região Sudeste está marcada com a cor vermelha, representando os estados: Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e Rio de Janeiro. A Região Sul está marcada com a cor amarela, representando os estados: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

De acordo com a NOTA TÉCNICA Nº 21 / 2012 / MEC / SECADI /DPEE,

Referências:

- AMARAL, L.A. **Conhecendo a deficiência** (em companhia de Hércules). São Paulo: Robe Editorial; 1995.
- BAMPI, I. ; GUILHEM, D.; ALVES, E.D., Modelo social: uma nova abordagem para o tema deficiência, **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. Artigo de Revisão 18(4):[09 telas] jul-ago 2010.
- BARNES, C. et al. (org), **Disability**. Cambridge: Polity Press, 2003.
- BARNES, C. et al. (org), **Exploring Disability: A Sociological Introduction**. Cambridge: Polity Press, 2005.
- BERSCH, R. Introdução à tecnologia assistiva, Porto Alegre, 2013, disponível em: http://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf. Acesso em: 15/03/2017
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- BRASIL. Subsecretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. B823 t Comitê de Ajudas Técnicas Tecnologia Assistiva. – Brasília : CORDE, 2009.
- BRASIL. SDHPR - Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência - SNP. 2009. Disponível em: <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/publicacoes/tecnologia-assistiva> Acesso em 06/04/2017.
- BRASIL. Lei n. 13146. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial Seção 1 - 7/7/2015, Página 2 (Publicação Original) [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 06 de julho de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm Acesso em: 10/03/2017.
- DINIZ, D. O que é deficiência. SP: Brasiliense, 2007.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, NOTA TÉCNICA Nº 21 / 2012 / MEC / SECADI /DPEE.
- MIRANDA, A.A.B. História, Deficiência e Educação Especial, Revista **HISTEDBR**. On-line, Campinas, 2004.
- NASCIMENTO, F.A.A.A.C Educação Educação infantil ; saberes e práticas da inclusão : dificuldades de comunicação e sinalização : surdocegueira/múltipla deficiência sensorial. [4. ed.] / **Associação Educacional para a Múltipla Deficiência - AHIMSA**. – Brasília : MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

SALIMENE A.C.M. Reabilitação e ideologia- um breve histórico. **Rev. Serviço Soc** Hospital São Paulo. 1996; 3(1):34-7.

SASSAKI, R.K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA; 1997.

SILVA, Luciene Maria. Subjetividades mediadas: as relações entre leitores cegos e leitores, 2011, Disponível em http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais16/sem09pdf/sm09ss03_07.pdf, acesso em 16/11/2015.

TAVARES, Fabiana S. S. et. al. Reflexões sobre o pilar da áudio-descrição: “descreva o que você vê”. Revista Brasileira de Tradução Visual (RBTV), 2010.

WALBER, V.B, SILVA, S.N. As práticas do cuidado e a questão da deficiência: integração ou inclusão? **Estudos de Psicologia**, Campinas, 2006, março, 23 (1).